

Peregrinação à maneira inaciana

Artigo Publicado na Revista Itaici 126

Por Helen Novaes

Peregrino do Caminho Inaciano helencpaiva@gmail.com

"Aquele que percorre este caminho deve estar numa busca contínua de Deus, com um coração que nunca está satisfeito e nunca se contenta. Esta é uma inquietação bela e santa".

Papa Francisco, durante o ato de indulgência plenária aos peregrinos que visitaram os Santuários de Loyola e Manresa, em Espanha, durante o Ano Jubilar do Caminho Inaciano, em 2015.



Etapa 19 Caminho do Inácio - Bujaraloz - Foto Helen Novaes

Como é que surge o desejo de peregrinar?

Nasce juntamente com o desejo de fazer mudanças e encontrar respostas. Uma mudança de direção, uma mudança de mentalidade (*metanoia*) e também um desejo de encontro. Um encontro capaz de responder de alguma forma ao nosso sentido de existência.

Apesar das diferentes motivações que cada peregrino carrega, e independentemente da crença, cultura e época em que vive, o que parece comum a todos é a sempre presente experiência humana de *se pôr a caminho*.

Andar para onde? Para quê?

Em direção a um encontro, mas um encontro com o quê? ou com quem?

Encontro consigo mesmo e com a sua própria história e com um "Outro" que vai à frente e vem ao nosso encontro também como peregrino.

A peregrinação é também o desejo de dar uma resposta. Uma resposta a uma voz interior que pede espaço, que implora para expandir a nossa consciência e capacidade de perceber uma presença maior que preenche a nossa existência com significado.

A peregrinação é uma abertura deliberada para acolher a novidade, um gesto de vontade e disponibilidade para viver a confiança e a entrega. É uma abertura para o futuro, recordando o que já foi vivido e estando plenamente atento ao presente.

Uma estrada sem fim à vista. Uma estrada que se abre diante de nós até onde os olhos não podem mais alcançar, configurando-se permanentemente como uma metáfora da vida. Como uma viagem da nossa própria existência na terra. Por isso, peregrinar é dar forma externa ao caminho que já está a ser feito a partir de dentro.

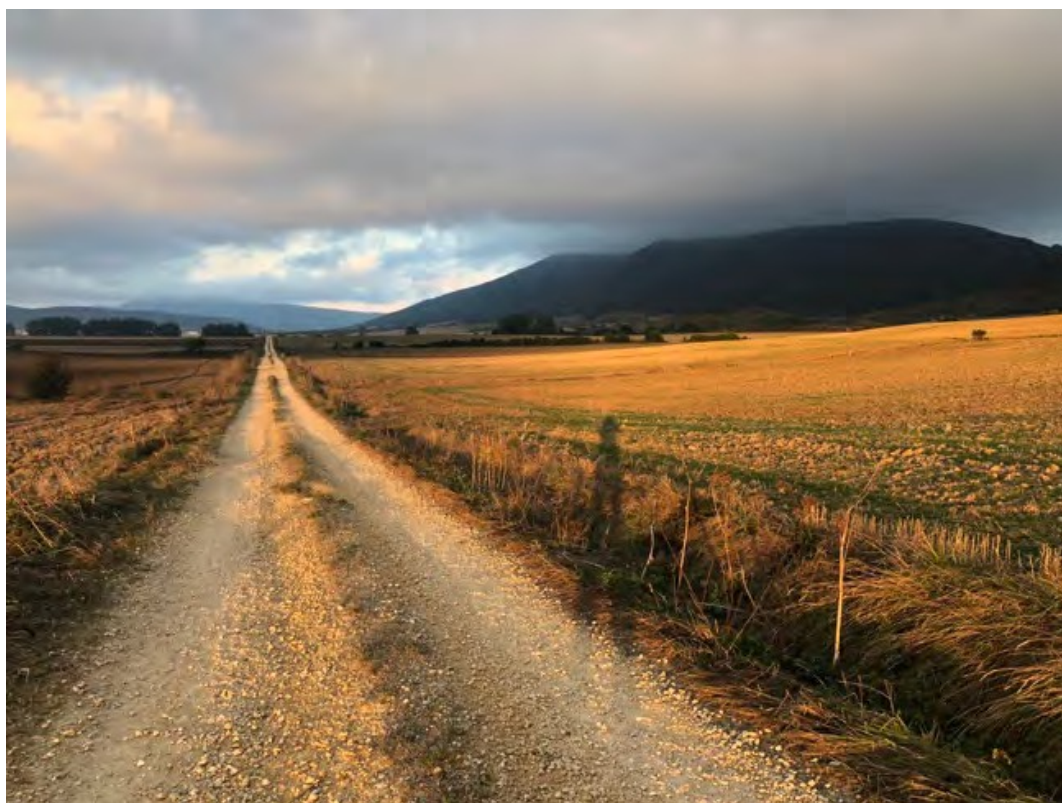


Foto Helen Novaes - Etapa 5 Caminho do Inácio - Vale de Arana

Peregrinação com Inácio de Loyola.

Em 2018, a pé, sozinho e a celebrar o meu 50º aniversário, o meu coração peregrino encontrou finalmente o tempo, o lugar e o companheiro ideal de caminho: Inácio de Loyola.

Unir simultaneamente o itinerário geográfico que Inácio percorreu em 1522 e a dinâmica dos Exercícios Espirituais de 30 dias foi um desafio, mas trouxe-me a possibilidade de viver em duas épocas diferentes: a atual e aquela em que Inácio viveu. Foi possível dialogar com o passado e com o presente e descobrir como o mundo se transformou numa analogia clara, para observar as transformações que também ocorreram em mim ao longo da minha própria existência.

É comum que memórias muito antigas, aparentemente esquecidas, venham à tona ao longo do caminho. Fiquei surpreso ao recordar alguns sonhos, impulsos e aspirações de juventude que cultivei durante algum tempo, mas que numa determinada fase da minha vida foram abandonados, esquecidos ou renegados. Ao ritmo dos passos que soam ao longo do caminho, as memórias do passado, a realidade presente e as expectativas do futuro parecem juntar-se num único momento: é o "Kairos". A ilusão cronológica que temos da vida é quebrada e uma nova dimensão é revelada onde no mesmo espaço de tempo conseguimos reunir tudo o que fomos, somos e queremos ser. É comum que esta claridade repentina nos visite enquanto caminhamos.

Sem dúvida que, para além desta clareza, um dos dons mais preciosos que uma peregrinação nos oferece é a possibilidade de viver e saborear dois dos bens mais escassos da atualidade: o Tempo e o Silêncio.

Caminhar sozinho, mas não na solidão. Peregrinar é gozar de uma solidão povoada de presenças e Santo Inácio é uma dessas presenças que nos acompanha como guia e também autor do caminho, mas, como nos EE, serve-nos apenas como um itinerário, uma referência para fazermos o nosso próprio caminho. A experiência de Inácio é irrepetível, mas abre-nos a possibilidade de fazermos a nossa própria experiência de Deus. Neste sentido, o caminho que ele percorreu é apenas o suporte, o caminho que funciona como mediador para uma experiência sempre nova e pessoal de Deus.

O Itinerário Geográfico Externo e Interno.



Foto Helen Novaes Etapa 2 - Monte Arriurdin (1.273 m)

O Caminho Inaciano tem aproximadamente 650 quilómetros de extensão e foi recriado por volta de 2010 por um grupo de leigos e jesuítas incentivados pela Companhia de Jesus com o objetivo de promover a comemoração do quinto centenário inaciano em 2022. Começa na casa palaciana dos Loyolas, em Azpeitia, no País Basco, onde o santo ainda conhecido como Iñigo López de Loyola, após uma longa convalescença de um grave ferimento de guerra, decidiu mudar a direção do seu percurso pessoal, deixando para trás antigos sonhos e partindo em peregrinação para Jerusalém.

Para usar as palavras de outro peregrino, percorrer o **Caminho Inaciano** é como pôr "*carne no espírito*", ou melhor, é experimentar a espiritualidade inaciana em forma física, através do encontro com a história e os lugares significativos para essa espiritualidade.

As primeiras etapas do Caminho começam nos amplos espaços e horizontes das montanhas de Euskadi (País Basco), mas a etapa final termina na pequena gruta situada na cidade de Manresa (Catalunha), onde Inácio permaneceu durante 11 meses para iniciar os textos dos EE.

A aventura de Inácio ao longo do caminho leva-nos, tanto metafórica como fisicamente, de um movimento de expansão e amplitude para outro de aprofundamento e mergulho nos recônditos da nossa interioridade. Este movimento é muito bem descrito na chave latina tantas vezes utilizada para ilustrar a dinâmica dos EE: *"Non coerceri a máximo, contineri tamen a mínimo, divinus est"*. O que significa: "O divino não deve ser limitado pelo maior, mas também deve estar contido no menor".



Etapa 2 - Vista do Monte Arriurdim (1.273 m) - País Basco



Capela da Gruta do Inácio - Manresa- Foto Helen Novaes

"Inácio segue o Espírito, não vai à frente dele. Assim, era conduzido serenamente para onde não sabia. Passados alguns momentos, o caminho abria-se-lhe e ele percorria-o, sabiamente ignorante, colocando simplesmente o seu coração em Cristo" (Nadal, Diálogos nº 1).

Ao percorrer o mesmo itinerário geográfico que viu passar aquele peregrino claudicante, fiquei admirado e admirado com a mudança radical ocorrida naquele homem que nasceu para ser cavaleiro da realeza e que acabou por se tornar um santo cujo legado perdura até hoje, 500 anos após a sua morte.

Quando percorreu este caminho, Inácio era ainda Iñigo. O seu coração, recém-apaixonado por Cristo, percorria um caminho cheio de interrogações, seguindo as setas da sua própria intuição. Estava a desfazer-se das imagens que trazia de si próprio, dos papéis que tinha desempenhado até então, estava a deixar a velha Loyola e as suas velhas relações e a configurar um homem novo e também uma nova relação com Deus e com o mundo. Tal como Iñigo, também nós somos chamados a deixar para trás a nossa pequena "Loyola".

A casa do castelo dos Loyolas é o ponto de partida da peregrinação, já nos ajuda a refletir sobre como é difícil deixar a segurança do nosso castelo interior. Sair de trás das muralhas que nos rodeiam e nos mantêm seguros para nos aventurarmos num caminho incerto não é fácil. Só é possível se decidirmos realmente escutar essa voz interior que nos pede para alargarmos os espaços. Partir é sempre mais decisão do que segurança.

Muitos peregrinos dizem que começamos a percorrer o Caminho quando começamos a sonhar com ele. Não posso discordar. As lições que tiramos de uma longa peregrinação como esta começam logo que nasce o desejo de a fazer. Qualquer desejo, sonho, vocação ou projeto só se tornará realidade se, com determinação, colocarmos em prática os meios para o concretizar. E foi assim que, sete meses antes da minha partida para Espanha, tive o ímpeto de me levantar da cama, calçar as sapatilhas e, sem qualquer certeza do que ia fazer exatamente, comecei a deixar a minha "Loyola" e fui percorrer os primeiros 3 km da minha peregrinação.

"Se alguém quiser mudar o mundo, deve primeiro mudar a si próprio" Inácio de Loyola

O Caminho e os Exercícios Espirituais.



Etapa 17 - Los Monegros / Pina de Ebro.

Os exercícios espirituais, divididos em "quatro semanas", correspondem mais ou menos às etapas do Caminho inaciano, que se divide em 27 partes. A primeira semana de Loyola a Navarrete; a segunda de Navarrete a Saragoça; a terceira de Saragoça a Lleida e a quarta de Lleida a Manresa. Todo o percurso passa por cinco províncias de Espanha: Euskadi, Navarra, La Rioja, Aragão e Catalunha.

A dureza do caminho em Euskadi (País Basco), com as suas paisagens íngremes e difíceis, recorda-nos o desafio de procurar a vontade de Deus na nossa história pessoal, muitas vezes bloqueada nos nossos afectos desordenados. As planícies do vale do Ebro e as suas margens verdes conduzem-nos à felicidade de quem caminha ao lado do Mestre, em constante aprendizagem. Mais uma vez, a subida ao planalto árido e desértico de Monegros convida-nos a entrar nas dificuldades de seguir um horizonte marcado pela Cruz que não podemos evitar. Finalmente, no regresso às terras férteis banhadas pelo rio Segre, encontramos essa presença ressuscitada que nos convida a reencontrar o Mestre na Galileia.

Ao longo do percurso não faltam momentos para compreender e experimentar o "*discernimento dos espíritos*", os movimentos interiores e os estados de alma, bem como o desafio da *Superação de si mesmo*. A desejada disciplina da "*Indiferença Inaciana*" é vivida perante as intempéries e imprevistos que nos fazem literalmente pisar o terreno infrutífero dos Exercícios Espirituais.



Etapa 14 - Nascer do sol em Alcalá de Ebro - Foto Helen Novaes

É verdade que a união do esforço físico e espiritual torna a experiência dos Exercícios Espirituais ainda mais exigente do ponto de vista afetivo; mas uma alma cheia de "*coragem e generosidade*" (EE 5) supera facilmente estes obstáculos e "*suporta-a serenamente*" (EE 18). Os frutos colhidos desta união entre os Exercícios e a Peregrinação aprofundam a aprendizagem e permanecem a soar e a ser saboreados interiormente para toda a eternidade.

Algumas lições do Caminho para a vida.

***"Caminhante, não há caminho. O caminho faz-se ao andar"* António Machado - 1939**



As setas na estrada são como pistas. Sinais discretos que conduzem a lugares desconhecidos. Não trazem segurança. Na realidade, cada seta traz uma nova pergunta sobre onde vamos chegar.

Ao longo de todo o percurso, há uma dinâmica particular na procura e no encontro de cada seta.

Especialmente nas fases iniciais, cada encontro com as setas cor de laranja é quase como receber o abraço de um bom amigo que nos sopra suavemente ao ouvido que não estamos sozinhos e que não estamos perdidos.

É esta a dinâmica de confiança que se estabelece ao longo do caminho, até nos apercebermos que, apesar de cheio de setas, o caminho é totalmente desconhecido para nós.

A preciosa pedagogia do caminho faz-nos compreender o que o poeta quis dizer com a frase: "*Caminhante, não há caminho, o caminho faz-se caminhando...*".

O caminho de Inácio foi feito de perguntas que ele fez a Deus que *"o ensinou pacientemente como um mestre ensina o seu aluno"*. Por minha vez, compreendi que as setas do caminho são como a busca existencial que nos move sempre num eterno processo de aprendizagem.

A primeira lição da viagem foi perceber que o que me faz avançar não são as respostas que procuro, mas as perguntas que faço.

A Descoberta do Extraordinário.

O Caminho coloca-nos na perspectiva da atenção total. Traz a descoberta de que viver no "agora" é a única verdade que está ao nosso alcance, assim como a certeza da nossa finitude. Traz os pequenos detalhes para revelar o extraordinário escondido no ordinário das nossas vidas. Todos os sentidos se abrem. Os olhos começam a ver o milagre das luzes e das diferentes cores que compõem o amanhecer na estrada, o doce aroma das uvas prontas para a colheita nos imensos vinhedos de La Rioja chega ao olfato como uma visita inesperada, o silêncio canta constantemente aos ouvidos uma música marcada pelo ritmo dos passos, o vento e o sol abraçam todo o corpo e cobrem-nos numa dança envolvente. Compreendemos finalmente o que *é sentir e saborear* o dom da vida.

Pouco a pouco, a busca sempre presente e interminável de um sentido, de um objetivo, de um fim tranquilizador para as nossas angústias e dramas existenciais, dá lugar à suave liberdade do abandono e da confiança na providência divina. Em tudo o que nos rodeia, apercebemo-nos da infinidade de milagres que nos rodeiam. O que temer perante um Deus que cuida incansavelmente de todos os pormenores e realiza a cada momento esses inúmeros milagres? Um Deus que nos permitiu viver e ultrapassar muitos obstáculos até agora? O dom da vida é o que há de mais extraordinário e como é bom desfrutar desse dom.

Dar o primeiro passo.

Muitos têm a impressão de que, quando se fala de uma peregrinação, o importante é a distância ou o número de quilómetros percorridos. Mas o objetivo de uma peregrinação não é caminhar e percorrer o maior número possível de distâncias. Isso seria uma competição física. Parafraseando o nosso professor: *"O que satisfaz não é a distância percorrida, mas o sentimento e o sabor interior de cada passo dado..."* (EE2).

O Caminho físico exterior é apenas um meio para abrir a porta ao "caminho interior" que leva o ser humano a descobrir-se como um ser profunda e profundamente amado pelo Criador de todas as coisas. O desejo de percorrer as longas distâncias de uma peregrinação é simplesmente uma forma de representação física que encarna toda a extensão desse enorme desejo de encontrar o infinito que é capaz de nos preencher.

Para dar o primeiro passo, é necessário compreender que nunca estaremos totalmente preparados para nada na vida. Nem teremos todas as certezas que precisamos. Nunca haverá um momento perfeito para realizarmos o desejo do nosso coração. Tudo envolve algum risco. O fracasso é possível. Mas nada acontecerá se não tentarmos, e todos os sonhos que valem a pena são acompanhados de dificuldades. Por isso, dê o primeiro passo. Começa. E não desista.

Aprender com o nosso estado de espírito:

Aprender a tomar consciência do nosso próprio estado de espírito pode revelar muito sobre a profundidade da nossa fé. Esta é uma experiência e uma lição que devemos estender a toda a nossa existência, pois o Deus que nos acompanha na peregrinação é o mesmo Deus que nos acompanha na nossa peregrinação também na vida quotidiana.

Em muitos momentos do caminho é possível experimentar uma atitude de serenidade e de suave alegria, uma esperança confiante que se apoia na providência de Deus e onde tudo o que nos acontece parece estar de acordo com os seus desígnios. Se tudo corre bem no caminho, se o tempo é favorável, se caminhamos sem dores, se a comida é saborosa, se a paisagem é inspiradora, em todo o caso, contribui para um estado de contentamento e de paz, agradecemos o dom da fé e parece fácil encontrar Deus em todas as coisas. Sentimo-nos reconfortados.

Mas há dias com dificuldades, e muitas delas surgem inesperadamente, como as bolhas nos pés, os sapatos que se estragam, o albergue que não oferece conforto, um dia de chuva duradoura, o encontro com outro peregrino que nos parece diferente, etc. Nem sempre conseguimos conservar em nós esta alegria e paz suaves. Mas é comum a todos os peregrinos o facto de estarem abertos e confiarem que

nada no caminho acontece por acaso. É tempo de olhar para o que se move dentro de nós, e esse olhar leva-nos geralmente a encontrar os nossos afectos desordenados. É o momento certo para reforçar a nossa fé e aprender a escutar os nossos movimentos interiores.

Pode haver dias em que enfrentamos dificuldades muito maiores e situações que põem à prova a nossa fé. Dias de secura e de profunda monotonia, em que o objetivo desta viagem cansativa parece pôr em causa a nossa sanidade e a nossa lógica. Dias em que Deus parece ter-se escondido. As linhas monótonas e áridas enchem-nos de angústia e fazem-nos procurar a todo o momento um sinal no horizonte de que a etapa está a terminar, mas a única coisa que se vê à frente é a secura da paisagem e as nuvens de calor que se erguem do solo pedregoso. Não há uma única folha ou sombra de apoio que nos permita um pouco de descanso. São dias para descobrir até que ponto a nossa fé está enraizada e até que ponto é real a nossa vontade fiel de seguir o Senhor.

Percepção da presença de Deus:

A capacidade de perceber a presença divina, de ver Deus em tudo e em todas as coisas pode ser usada como um indicador do silêncio interior que conseguimos alcançar.

A presença de Deus torna-se evidente quando nos silenciarmos interiormente. Os sentidos parecem abrir-se e ganhar uma sensibilidade acrescida. A beleza é evidente na criação, os objectos, as criaturas e as situações parecem revestidos de uma certa sacralidade, há uma clareza de espírito. As revelações espontâneas sobre o significado de muitos acontecimentos da nossa vida são frequentes e esclarecedoras.

De facto, Deus está sempre presente (*Actos 17,28*), mas os nossos pensamentos agem geralmente como grandes ondas que quebram num balanço ensurdecedor que não nos permite ouvir as nossas vozes interiores.

Durante o período em que me preparava para a peregrinação, algumas pessoas perguntaram-me se tinha medo de me perder, de me magoar, se não havia ninguém por perto para me ajudar, se tinha medo de não completar os quilómetros da peregrinação, etc. Nenhuma destas coisas me assustava. Mas sentia um medo muito específico: o medo do Silêncio. Do que ele me gritaria.

No entanto, o silêncio era como uma melodia cheia de harmonia, regida por um mestre criativo que aproveitava tudo à sua volta para revelar um pouco mais de quem eu era e do seu imenso amor a cada passo. O silêncio é a linguagem de Deus.



Etapa 23 - Montanha de Montserrat - Foto Helen Novaes

Santa Indiferença:

A santa indiferença e a capacidade de a viver é o indicador do nosso grau de abandono e de confiança na vontade divina. É a despreocupação saudável de quem sabe que está a ser cuidado e protegido pela presença ciumenta de Deus em todas as circunstâncias. A indiferença não é um estado de despreocupação irresponsável, mas uma atitude ativa e responsável. É a consciência de adotar uma conduta que realiza tudo o que é seu dever em todas as situações.

Partir em peregrinação não é necessariamente partir sem rumo, sem objetivo, de forma imprudente e inconsistente, acreditando que Deus será responsável por toda a conclusão da nossa viagem. Tal como na vida, nós próprios somos responsáveis pelas escolhas que fazemos e delas advém a maior parte dos resultados que alcançamos. No entanto, não é raro atribuírmos como nossa responsabilidade e "vontade de Deus" muitos dos resultados que alcançamos, especialmente os dolorosos ou situações de fracasso. O que é preciso entender é que, embora os fracassos e sofrimentos ocorram, eles não são necessariamente a vontade de Deus; mas Ele nos permitirá tirar algum proveito da situação se estivermos abertos para aprender.

É um facto que, ao longo de todo o caminho, aprendemos alguma coisa se estivermos atentos. O essencial é aprender a apreciar a leveza com que a santa indiferença nos permite viver. Só quando estamos conscientes de ter feito o nosso melhor, de ter agido com o nosso melhor (*Magis*), é que podemos ficar tranquilos com a consciência de que, mesmo que façamos o nosso melhor, os resultados das nossas acções dependem ainda e apenas de Deus, não dos nossos méritos. Tudo é sempre graça.

"Age como se tudo dependesse de ti, sabendo muito bem que, na realidade, tudo depende de Deus". Inácio de Loyola



Etapa 17 - Pina de Ebro - Foto Helen Novaes

O exemplo de Inácio.

Percorrer os lugares importantes da história de Inácio, reviver os factos da sua vida, mergulhar no seu interior ajuda-nos a perceber quem ele era realmente. Esse mergulho também nos ilumina e nos ajuda a nos vermos como realmente somos. A nossa essência. O nosso eu original. O nosso rosto sem a armadura de guerreiro e sem as habituais máscaras que usamos e que por vezes acabam por nos confundir sobre quem realmente somos.

Para muitos, Inácio foi sempre um guerreiro que soube conduzir a ordem que fundou com a disciplina e a organização que aprendeu com a sua experiência militar. Outros preferem vê-lo como o mestre espiritual cujo livro de métodos se tornou uma referência para o desenvolvimento da espiritualidade cristã. Mas, à medida que caminhamos com ele, a imagem deste homem objetivo, pragmático e racional abre-se para revelar um homem de oração, contemplativo, de profunda sensibilidade espiritual, que se comovia até às lágrimas ao ver o céu estrelado e que falava com afeto com as flores cujo encanto o deslumbrava. Ele inspira-nos e ajuda-nos a deixarmos-nos corajosamente revelar pelos olhos de Deus a nós próprios.

A forma como adquiriu um apurado conhecimento de si mesmo, capaz de reconhecer a malícia do pecado e tudo o que o afastava de Deus (EE 63); como, saboreando interiormente as coisas espirituais (EE 2), adquiriu o conhecimento interior de Cristo (EE 104) e também o conhecimento de todo o dom que vem de Deus (EE 233); se não nos transforma, pelo menos faz-nos encontrar inspiração para toda a nossa vida. Com a sua dedicação, mudança e audácia, Inácio foi capaz de mudar o mundo. Com esta constatação, aproximei-me mais do que ele queria dizer quando afirmou: *"Ninguém sabe o que Deus faria de nós, se não puséssemos tantos obstáculos à sua graça"*.



Etapa 2 O Caminho Inaciano - Topo do Monte Arriurdin

Porquê peregrinar pelo Caminho Inaciano?

Ainda são poucas as pessoas que conhecem a existência do Caminho Inaciano em Espanha. Este é o caminho que Inácio de Loyola percorreu quando saiu da sua casa em Loyola, no País Basco (Euskadi), em peregrinação a Jerusalém, mas que acabou por ter uma paragem prolongada e estratégica de 11 meses em Manresa, perto de Barcelona, na Catalunha. Esta peregrinação mudou a sua vida e transformou o mundo.

O novo percurso recriado dá aos peregrinos de hoje o privilégio de refazer uma das mais importantes viagens a pé da história da humanidade. Seguir os passos de Inácio, visitando os lugares que marcaram a sua história de conversão e transformação pessoal de cavaleiro e soldado em santo, permite-nos mergulhar nos sonhos e nas indagações que o impulsionaram, incitando-nos a fazer o mesmo por nós próprios.

Dizer que a peregrinação de Inácio mudou o mundo desde o início pode parecer uma afirmação demasiado pretensiosa ou modesta; mas é uma realidade comprovada, em primeiro lugar, pelos milhares de pessoas que já fizeram e estão a fazer neste preciso momento os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Exercícios que tiveram origem nesta peregrinação e que, até hoje, 500 anos depois, continuam a ser perpetuados através de centenas de centros de espiritualidade e casas de retiro em todo o mundo. Para justificar ainda mais esta afirmação, que não é extravagante, basta referir que os Exercícios não são o único fruto desta peregrinação. Esta viagem foi também o primeiro passo para a fundação da Companhia de Jesus, mais conhecida como a ordem dos Jesuítas. Ao longo da história, os jesuítas contribuíram significativamente em diferentes campos, desde a astronomia, sismologia, matemática e tecnologia até à invenção do alfabeto vietnamita e à fundação de uma das maiores cidades do mundo: São Paulo. Participaram também na negociação da fronteira entre a Rússia e a China, entre muitas outras coisas que afectaram o desenvolvimento social, cultural e tecnológico da humanidade. Até hoje a ordem criada por Inácio está presente em mais de 100 países servindo a inúmeras causas sociais, especialmente a Educação.

Felizmente para a humanidade, Inácio não guardou para si as ideias que teve em Manresa, nem abandonou o árduo caminho que teve de percorrer para chegar a uma nova compreensão de si mesmo. Passou por grandes traumas pessoais e grandes sofrimentos, mas também por grandes alegrias. A sua genialidade reside na capacidade de traduzir o seu próprio caminho para a iluminação numa série de exercícios que qualquer um de nós pode fazer.

Se a peregrinação de Inácio mudou o mundo, a nossa também o fará, em maior ou menor grau. A sua peregrinação ajudou-o a compreender-se a si próprio de uma forma muito mais profunda e a moldar a direcção futura da sua vida, e o mesmo se aplica a todos aqueles que partem em peregrinação.



Etapa 21 - Cervera Fotos Helen Novaes

O **Caminho de Santiago** reúne atributos excepcionais como: a beleza natural, as curiosidades históricas, a possibilidade de uma imersão na cultura espanhola e o contacto com o seu povo, desfrutar de uma gastronomia requintada, superar desafios físicos e, finalmente, viver uma grande aventura cheia de emoções que nos proporcionam uma experiência transformadora.

Mas, para além de todos estes atributos que o aproximam de uma rota de turismo religioso, o **Caminho Inaciano** é a melhor opção para aqueles cuja motivação para a peregrinação é sentida como um apelo a sair, a experimentar as incertezas, a sentir a coragem de assumir o presente a partir do passado e a iniciar um novo futuro. Esta é a diferença entre ser um turista religioso e um peregrino.

Para aqueles que realmente fazem a peregrinação conscientemente, que a vivem com intensidade e entram nela decididamente com a alma cheia de generosidade e liberalidade como nos pede Inácio na entrada dos EEs; a liberdade alcançada será de facto experimentada dentro de nós, assim como se expandirá e desdobrará numa repercussão externa de serviço e doação ao outro.

O Caminho torna-se uma eterna metáfora da própria vida e continuará a mobilizar no nosso quotidiano as várias dimensões recrutadas durante a viagem: a memória, os sentimentos e os desejos moverão para sempre as nossas acções e operações.

Que os 500 anos da conversão de Inácio de Loyola continuem a indicar caminhos e a inspirar movimentos interiores que operem mudanças e transformações que permitam construir o Reino de Deus e ver novas todas as coisas em Cristo.

Bom Caminho!



Veja os resumos em vídeo da minha peregrinação de 2018 no Caminho Inaciano no meu canal do Youtube:

<https://bitly.com/tHQAD>



Ver a apresentação da minha peregrinação nos "Encontros Inacianos" das Edições Loyola e na "Rede Servir" a 12/02/22:

<https://bitly.com/LXwPN>



Queres a minha ajuda?

helencpaiva@gmail.com

Para saber mais sobre o Caminho Inaciano em Espanha, visite o sítio Web:

<https://caminoignaciano.org/>

Referências bibliográficas:

- Guia do Caminho Inaciano - José Luis Iriberry, SJ 3ª edição
- O Caminho Inaciano - José Luis Iriberry, SJ; Chris Lowney - 2ª Edição
- Caminoignaciano.org